

## O CADERNO ESCOLAR COMO UM OBJETO FORMAL<sup>1</sup>

### THE EXERCISE BOOK AS A FORMAL OBJECT

Davide Montino<sup>2</sup>

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>

O caderno escolar como um item material tem uma função principal: servir de apoio à escrita. O papel de que é feito recebe e preserva as marcas feitas nele a tinta ou a lápis. O caderno, uma vez fabricado, distribuído, vendido e, sobretudo, colocado em uso torna-se um recipiente ou contentor de escrita - em geral, de qualquer tipo de escrita. Há exemplos frequentes de cadernos sendo usados por um adulto para manter um diário, para escrever suas memórias, para manter contas domésticas ou comerciais, ou para registrar eventos familiares importantes. Os cadernos são frequentemente usados para guardar receitas ou para anotações relacionadas a tricô, jardinagem e filiação a clubes ou partidos políticos. Eles também podem ser usados para coletar material impresso, fornecendo as páginas nas quais colar artigos de interesse ou sobre episódios de uma série.

Embora todas essas possibilidades existam, também é verdade que o caderno é antes de tudo um recipiente, um porta-joias de textos escolares. Embora não faltem exemplos de escritos escolares de adultos testemunhando a educação de base, recuperação educacional tardia ou projetos para aumentar a alfabetização de adultos, o que mais nos encontramos são textos escritos por crianças. Eles são, de longe, o objeto mais comum de pesquisa e estudo.

*A escrita escolar infantil* é uma parte, a parte mais evidente, da *escrita infantil* que foi objeto de análise científica nas conferências promovidas em Rovereto pela *Federazione degli Archivi di Scrittura Popolare* em 1991 e em 1993<sup>3</sup>. É justamente nessas duas ocasiões que encontramos uma organização geral inicial das fontes e certas tentativas iniciais de estudá-las, assim como o que ainda hoje é a definição mais apropriada da escrita infantil, dada por Quinto

---

<sup>1</sup> Texto originalmente publicado, em inglês, na introdução do volume I da obra "School Exercise Books: a complex source for a history of the approach to schooling and education in the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries", organizada por Juri Meda, Davide Montino e Roberto Sani e publicada no ano 2010. Os organizadores da obra foram consultados e concordaram com a publicação da versão em português neste número temático. Para melhor adequação à proposta do número temático, na versão em português foram excluídos parágrafos e/ou frases que faziam referência exclusivamente ao seminário ou à organização dos anais do evento ao qual a obra está relacionada.

<sup>2</sup> Foi docente na Università degli Studi di Genova, faleceu em 2010.

<sup>3</sup> Os anais dos seminários podem ser encontrados em "Materiali di lavoro" 2-3 (1992) (V<sup>th</sup> seminar: La scrittura bambina. Interventi e ricerche sulle pratiche di scrittura del I ' infanzia e del I ' adolescenza), e em *Scritture bambine. Testi infantili tra passato e presente*, editado por Q. Antonelli, E. Becchi, op. cit. (VII<sup>th</sup> seminar: Piccoli scrivani. Scritture nel tempo dell'infanzia e dell'adolescenza).

Antonelli, tendendo a destacar a natureza essencialmente "disciplinada" dessa escrita, mas é possível, dentro dela, também detectar ecos da subjetividade e da esfera pessoal de quem escreve<sup>4</sup>.

Após as conferências de Rovereto, que desenvolveram intuições surgidas de forma independente em certos estudos realizados já no início dos anos 1980<sup>5</sup>, tanto o tema da escrita infantil quanto o uso de fontes escritas para crianças, com cadernos no topo da lista, não conseguiram produzir nenhum desenvolvimento substancial no nível historiográfico<sup>6</sup>. Isso se deve, em parte, ao fato de que a escrita infantil sofreu com o *ranking* de minorias aplicado de modo geral ao histórico das crianças e jovens em nosso país; também ao fato de que existem poucas coleções documentais consideráveis e sistematizadas<sup>7</sup>; e, por último, em parte pelo fato de não ser fácil buscar e coletar cadernos escondidos no sótão das casas das famílias ou em arquivos escolares na Itália. Então, o que inicialmente parecia um começo promissor não ocorreu da maneira que deveria ou poderia ter sido<sup>8</sup>.

É por isso que sentimos a importância de nos concentrarmos de maneira significativa no tema da escrita infantil a partir de uma variedade de pontos de vista diferentes, embora mantendo estritamente o objeto de nosso estudo e mantendo a natureza científica da pesquisa. Decidimos nos concentrar na categoria de escrita escolar, excluindo deliberadamente outras formas de escrita infantil, precisamente para nos permitir abordar o máximo de detalhes possíveis, comparando perspectivas e características que, embora diferentes, estão todas ligadas por sua dimensão histórica. Tudo isso foi crucial devido à própria natureza do caderno, uma verdadeira antologia de trabalhos escritos que cumpre diferentes funções e se presta a uma ampla gama de considerações. Com certeza, quando abrimos um caderno não temos ideia do que vamos encontrar dentro dele. Portanto, antes de mais nada, seria melhor levar a escrita a significar o que ela originalmente significava, ou seja, um grupo de marcas, uma série de sinais

---

<sup>4</sup> Q. Antonelli, *Le parole che escono dall'ombra*, op. cit., p. 11. Sobre esses aspectos, veja também o texto de Roberto Sani neste número temático.

<sup>5</sup> Giovanni Biondi, Fiora Imberciadori, "...voi siete la primavera d'Italia". *L'ideologia fascista nel mondo della scuola. 1925-43*, Paravia, Turin 1982; Giovanni Contini, Gian Bruno Ravenni, Giovanni, *scolarizzazione e crisi della mezzadria: San Gersole (1920-1950). La storia della famiglie attraverso i diari scolastici e lefonri orali*, em "Annali dell'Istituto 'Alcide Cervi'", 9 (1987), pp. 145- 170; Teresa Dolfi, Stefani a Lucarelli, *La scuola in mostra. Catalogo dei materiali della mostra della scuola (Pisroia, luglio-settembre 1929) conservati nella Biblioteca comunale forteguerriana*, Comune di Pistoia, Pistoia 1990; G. B. Ravenni, Paolo De Simonis, *I bambini pistoiesi e il fascismo: note in margine ad una mostra*, em "Farestoria", 16 (1991), pp. 59-60; G. B. Ravenni, *I giorni raccontati: i diari di San Gersole*, em "Rivista di storia dell'agricoltura", 1 (1991), pp. 73-92.

<sup>6</sup> Naturalmente, há várias exceções. Refiro-me em particular ao trabalho realizado por Antonio Gibelli, por exemplo, em seu *Il regime illustrato e il popolo bambino*, op. cit., pp. 263-270 e *Il popolo bambino. Infanzia e nazione dalla Grande Guerra a Salò*, Einaudi, Turin 2005.

<sup>7</sup> Um diretório dos centros que abrigam coleções e documentação está finalmente disponível hoje. Ver J. Meda, *Tra le sudate carte...*, op. cit. O diretório, que é constantemente atualizado, pode ser acessado diretamente através da seção do portal oficial do projeto FISQED, intitulado "a rete documentaria nazionale" ([www.fisqed.it](http://www.fisqed.it)).

<sup>8</sup> As pessoas começaram recentemente a falar de cadernos escolares como fontes para a história da escola e da educação, como, por exemplo, em uma conferência em Brescia organizada pela Milan's Università Cattolica dei Sacro Cuore, os anais podem ser encontrados em "Annali di storia dell'educazione e delle istituzioni scolastiche", 13 (2006).

gráficos deixados em alguma superfície, a fim de então dar-lhe um significado tão amplo quanto possível. Estas marcas, que preenchem linhas e quadrados, cópias fiéis e rudes, podem assumir uma variedade de formas diferentes. Elas podem tomar a forma de "escrita iconográfica", como os desenhos, molduras e elementos gráficos divisórios que encontramos nos cadernos. Podem tomar a forma de "escrita numérica" ou dos números que preenchem os cadernos de matemática, física e geometria. E, por fim, podem tomar a forma de "escrita alfabética", que é o que estamos abordando aqui. Nessa capacidade de escrita alfabética, que é o que normalmente entendemos pela simples palavra "escrever", pode pertencer a uma ampla variedade de diferentes categorias: ditados, ortografia, exercícios de gramática e lógica, paráfrases, comentários sobre poemas, respostas a perguntas sobre vários assuntos, relatórios, resumos, notas de leitura, ensaios e composições, exercícios de escrita de cartas, páginas de um diário, pensamentos do dia, notas de palestras ou esboços de soluções para problemas de matemática ou geometria... Podemos mergulhar neste material a fim de extrair testemunhos, documentos, exemplos como: fontes para uso em várias áreas de estudo, desde a história da educação até a história do ensino, e desde a história dos costumes e práticas educacionais até a história da cultura escolar, de uma forma mais direta e imediata; da história da alfabetização e da imaginação infantil à história da subjetividade, por meio de uma história da infância capaz de levar em consideração as vozes e os testemunhos deixados pelo objeto focal de estudo; e desde a história da linguagem até a antropologia. Mais detalhadamente, começando com a escrita contida nos cadernos escolares, podemos observar as práticas educacionais reais implementadas em diferentes áreas e em diferentes momentos a partir de um ponto de vista mais próximo, assim como podemos observar mais de perto os métodos de ensino adotados. Podemos analisar formas de linguagem, no cruzamento do discurso escrito e falado, e as implicações antropológicas da relação entre modernidade e tradição. Também é possível estudar o conteúdo ideológico subjacente à prática da escrita, não apenas de natureza política (a propaganda de regimes totalitários ou da educação cívica, democrática e republicana) ou de natureza religiosa, mas também em conexão com modelos de comportamento e socialização, e até os hábitos de consumo e o uso do tempo livre. Os aspectos do ensino de alfabetização em massa para crianças podem ser redescobertos, permitindo a milhões de crianças em todo o mundo entrar na era modernidade e na sociedade da palavra escrita.

Por último, podemos dar profundidade ao envolvimento subjetivo das crianças como protagonistas ou, mais frequentemente, vítimas dos grandes processos históricos da modernidade e das épocas contemporâneas: a formação do Estado moderno, o advento da sociedade disciplinar, a revolução industrial, as guerras mundiais, o totalitarismo, o processo

migratório, a expansão do mercado de consumo de massa ou o desenvolvimento e difusão da tecnologia, para citar apenas algumas das grandes mudanças que ocorreram. Dentro desta abordagem de massa que se espalha gradualmente para a produção, consumo, pensamento, vida e morte que existe em paralelo com um desvio individualista nas relações sociais, as crianças estão cada vez mais envolvidas em seu papel com os segmentos do mercado, com o futuro do país e com sua fonte de rotatividade biológica, com a esperança de mudança e melhoria. Algo com este nível de envolvimento fica registrado no laborioso trabalho escrito que elas deixam sobretudo em seus cadernos escolares, seria, portanto, bem aconselhável levar essas características em consideração se quisermos alcançar uma história social global abrangente que não deixe ninguém de fora da tentativa de refletir sobre sua complexidade multifacetada.

Assim, fica claro como o caderno escolar, particularmente em conexão com a escrita que contém, é realmente uma fonte complexa que, graças precisamente a essa complexidade, pode permitir que diferentes métodos e conteúdos se encontrem. Da mesma forma, presta-se também a um tipo quase estrutural de abordagem multidisciplinar, devido aos vários níveis que conecta. Abordar a escrita infantil da perspectiva de um historiador significa trabalhar com diferentes áreas de estudo, independentemente do ponto de vista primário de cada um. Obviamente, sempre haverá um aspecto predominante (educacional, relacionado ao ensino, linguístico, antropológico etc.), mas nunca poderá ser totalmente separado de outras abordagens caso se queira chegar a um entendimento profundo do documento.

A riqueza da escrita como testemunho documental que delineamos até agora não deve nos fazer esquecer que esta fonte precisa ser integrada a um contexto mais amplo. Corre-se o risco de acabar colocando a fonte em uma espécie de pedestal autorreferencial, mas essa fonte é ainda mais útil à história se for permitido o diálogo com outros documentos, desde fontes orais (sempre que possível) até livros de texto, a partir de registros escolares até manuais de treinamento de professores, e desde relatórios de professores até equipamentos escolares, na verdade tudo o que tem alguma relação com o texto escrito e quem o escreveu. Nunca devemos esquecer que a escrita tem um autor, que é antes de tudo um aluno, mas também uma criança, compartilhando seu tempo entre a sala de aula e a casa da família. Essas duas identidades e a relação que as crianças têm com os adultos não coincidem; de fato, elas estão mais ou menos explicitamente em desacordo entre si conforme o tempo e o lugar. Este não é o lugar para mergulhar na questão da relação entre os textos escolares e seus autores, mas precisamos ter em mente que a escrita pressupõe o envolvimento total do escritor e de seu corpo, das ideias e imagens que tem do mundo e das coisas que o cercam, todos elementos que podem ter impacto no texto escrito, na medida em que representam as respostas que as crianças produzem aos

estímulos provenientes da educação, do ensino e da cultura (no sentido mais amplo do termo), que são sempre parte e parcela de contextos espaciais e temporais claramente definidos. A escrita nos permite entrar neste espaço intermediário entre o que os adultos oferecem às crianças em termos de educação, e o que as crianças, por sua vez, devolvem na forma e conteúdo próprios, para que possamos compreender a relação dialética que se estabelece entre o adulto e a criança, colocando os dois atores dessa relação em foco. Isso é possível porque a escrita escolar é uma conexão, uma representação e um legado escrito da relação entre os atores no ambiente escolar. Como escreveu Augusto Monti, a escola "são os alunos, sua disciplina - ou a ausência disso - escola são os professores, suas deficiências - todos eles as têm - seus méritos - nenhum (na medida em que todos eles são feitos com certa imagem e semelhança); pode ser totalmente desprovida disso tudo; escola é o diretor (ou como quer que ele seja chamado); escola é "os pais" - abençoados sejam eles! - dos alunos; escola são as relações que existem interna e mutuamente entre essas pessoas e essas fileiras e essas faixas etárias"<sup>9</sup>, e o que torna possível reconstruir esse entrelaçamento entre alunos, professores e famílias é, também, o caderno escolar e seu conteúdo. Vista por meios da escrita das crianças, e pela escrita dos professores, inspetores e todas as outras figuras envolvidas no processo educacional, a escola pode tornar-se, como a própria história pode tornar-se, aquela "vasta experiência de variedade humana, [aquele] encontro duradouro dos homens" do qual Marc Bloch<sup>10</sup> falou e que representa o horizonte que devemos visar na realização de pesquisas sobre os vários aspectos da escola e da cultura educacional.

---

<sup>9</sup> A. Monti, *I miei conti con la scuola*, in Id., *Il mestiere di insegnare. Scritti sulla scuola 1909-1965*, Araba Fenice, Cuneo 1994, p. 180. Para a escrita escolar como conexão, representação e memória, ver: D. Montino, *Forme di scrittura scolastica nel primo Novecento*, em "Quaderni di didattica della scrittura", 9 (2008), pp. 37-59.

<sup>10</sup> Marc Bloch, *Apologia della storia*, Einaudi, Turin 1996, p. 127.